

PARA VER



Denzel Washington e Kevin Kline: a questão do *apartheid*.

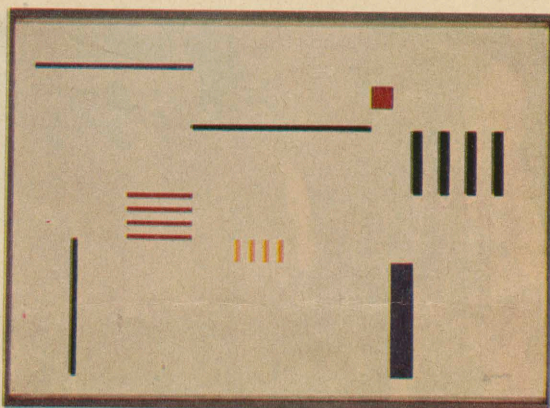
Humanismo de consumo

Grandes temas humanos focalizados em superproduções ambientadas em ex-colônias britânicas: parece que o ator-diretor Richard Attenborough ambiciona tornar-se um novo David Lean. Falta-lhe para isso muita coisa, evidentemente, desde o classicismo rigoroso do mestre conter-

râneo até a habilidade deste em passar do coletivo para o individual, do psicológico para o épico. Adaptação do relato de um editor de jornal sul-africano, hoje exilado na Inglaterra, sobre a sua *redução* por um líder negro posteriormente assassinado na prisão, *Um Grito de Liberdade* (*Cry Freedom*) não deixa de ser mais uma obra digna e generosa do realizador de *Gandhi*. Chama a atenção do público mundial para a questão do *apartheid* e oferece aos espectadores um humanismo de consumo e uma cartilha do pensamento político de fundo liberal. O filme ressent-se, porém, de uma narrativa mal estruturada e convencional. A primeira metade, apesar de algo retórica, ainda sustenta bem o propósito de documentar as relações entre brancos e negros na África do Sul. Depois que o negro Stephen Biko (Denzel Washington) sai de cena, levando consigo o seu carisma, o filme se perde numa longa e supérflua *aventura de branco*: as peripécias do jornalista Donald Woods (Kevin Kline) para sair do país com a mulher e os filhos, que parecem as da família Trapp fugindo dos nazistas. □ *J.H.P.*

José Therme Correa	José Haroldo Pereira	Valério Andrade	Wilson Cunha	Zevi Ghivelder
—	****	***	**	*****
***	**	*****	***	—
**	****	—	***	****
—	***	****	**	***
—	***	***	**	***
**	**	****	*	***
**	**	***	**	***
**	**	***	**	***
—	**	***	—	—
—	**	***	—	—
—	***	**	**	**
—	—	*	●	—

* muito bom ***** excepcional



Sacilotto, concretista

Na Galeria Millan (São Paulo), uma exposição de obras de Luiz Sacilotto permite que o público reencontre um dos momentos mais importantes da arte brasileira, nos trabalhos de um dos integrantes do concretismo paulista. Com obras que datam do final dos anos 40, onde a procura da construção geométrica já é evidente, até os trabalhos mais recentes, a mostra tem seu ponto alto nas pinturas dos anos 50, onde as propostas teóricas do concretismo estão colocadas em prática com maior evidência. É bom lembrar que o concretismo paulista, liderado por Waldemar Cordeiro e integrado por Geraldo de Barros, Fiamin-

ghi, o próprio Sacilotto e outros, foi a primeira tendência a se contrapor diretamente aos modernistas, que dominaram as três décadas anteriores, e teve consequências das mais importantes para o desenvolvimento da arte contemporânea brasileira, a começar pelo aparecimento do Grupo Frente no Rio, liderado por Ivan Serpa, e que, alguns anos depois, desembocaria no movimento neoconcreto. A obra recente de Sacilotto, se bem que se afaste da postura dogmática adotada nos anos de combatividade do concretismo, ainda segue alguns dos princípios estabelecidos pelo movimento.

Velloso sem meias palavras

Depois de uma exposição individual mais ou menos rápida no Rio de Janeiro, o artista plástico Fernando Velloso está mostrando pinturas recentes na Manoel Macedo (Belo Horizonte). Aos 37 anos e uma trajetória artística basicamente ligada a Minas Gerais, com passagens eventuais por Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro

(frequentou o ateliê de Abelardo Zaluar), Velloso apresenta telas abstratas, onde a principal característica é a exploração das possibilidades da matéria: a cor e a textura da tinta. Limitando-se a esquemas de composição relativamente simples e definidos, e a poucas cores em um esquema contrastado, Velloso trabalha a aplicação da massa de tinta sobre o suporte, tensionado o olhar a partir da alternância da manipulação do material, ora superficial, ora aprofundada (ao permitir que apareçam as camadas inferiores através da massa de tinta). São trabalhos diretos e sem meias palavras, agindo diretamente sobre a percepção puramente visual do espectador.



Manchete No. 1881 - 7 de Maio de 1988